



Matrix Reloaded: estréia mundial, em Cannes, foi um fiasco, segundo o jornal El País

Página 6



XANDO P.

A representação do *nego fugido* é uma das tradições populares mais bonitas e significativas da festa santo-amarense

Hoje é dia de Bembé

Tambores do candomblé soam até domingo de manhã, no mercado de Santo Amaro, em homenagem à luta dos negros pela liberdade

ROBERTO PIRES

SANTO AMARO - Bembé é o mesmo que candomblé. Carregada de fé e alegria, a festa Bembé do Mercado acontece há exatos 115 anos em Santo Amaro, para comemorar o 13 de Maio, data que marca a abolição da escravidão no Brasil. Além do aspecto religioso, há espaço também para diversas manifestações tradicionais populares, como a teatralização do *nego fugido*.

Capoeira, maculelê, samba-de-roda, burrinha e bumba-meu-boi também são apresentados nas noites do Bembé do Mercado. Hoje, os grupos folclóricos antecedem o lado religioso da festa, que vai se estender até a manhã de domingo, reunindo 13 terreiros de candomblé na Praça Manuel Querino, mais conhecida como Praça do Mercado.

LIBERDADE - Crianças e adultos encenam um espetáculo inesquecível, contando uma história de escravidão que termina em liberdade. Todos se esbaldam ao participar dessa farra, que reúne *negros fugidos*, um *rei* e policiais fictícios.

Os *caçadores de escravos* usam saias feitas de folhas secas de bananeira, colete e chapéu de couro, e executam uma dança frenética, empunhando espingardas. "O povo que vem de fora só faz me dizer: 'não deixe isso morrer'", conta a organizadora do folguedo, Edna Correia Bulcão, 59, chamada de "Dona Santa" pelos que apreciam sua dedicação.

Mesmo com toda essa importância histórica, religiosa e cultural, o Bembé do Mercado é pouco difundido fora do reduto santo-amarense, ao contrário da prestigiada festa de Nossa Senhora da Purificação. Para chamar a atenção de mais pessoas, este ano foram organizados debates ligados ao universo afrodescendente, lançamento de livro e exibição de filmes. Nos dias do evento, a culinária local ganha destaque, quando as barracas oferecem pratos e bebidas como a maniçoba e o aluá.

RESISTÊNCIA - Na música *13 de Maio*, do CD *Noites do Norte*, Caetano

Veloso canta: "*Na Praça do Mercado/Os pretos celebravam/(Talvez hoje inda o façam)/O fim da escravidão*". É verdade, os negros continuam celebrando e resistindo. Eles são contra a forma burocrática de referência à data - nas comemorações do Bembé do Mercado não agradecem à Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea em 1888. O que fazem é chamar a atenção para a luta dos negros pelo fim do cativeiro.

Esses negros ficaram ainda algum tempo presos ao regime da escravidão no Recôncavo baiano, região sob o domínio da cana-de-açúcar, mesmo depois de a Lei Áurea ter sido assinada. A libertação se deu por meio das lutas dos escravos e fugas das senzalas. Para conseguir força e determinação, eles se apoiavam na religião. O candomblé era a porta da esperança.

É por isso que até hoje preferem celebrar a liberdade batendo os tambores em louvor aos orixás. Durante três dias, as mães e filhas-de-santo capricham na indumentária e soltam a voz no pequeno mercado de madeira construído na praça, decorado com palhas e redes de pesca recheadas com algumas réplicas de peixe.

Saias rodadas, turbantes, brilhos, pano-da-costa, búzios, profusão de colares de todas as cores e preceitos rodopiam no salão. Os homens usam vestes de inspiração africana. Atabaques entram em ação e forte incenso perfuma o ar. O que todos os participantes desejam é boa sorte.

Na terça-feira, dia 13 de maio, o casal Mateus Evangelista dos Santos, 68, e Edna Maria Ferreira da Silva, 55, assistiam embevecidos ao movimento cadenciado das danças embaladas pelo som dos cânticos em nagô e jeje. Edna é negra, trabalha numa escola da cidade e quase todo ano marca presença na Praça do Mercado. Diz que gosta de ir "apreciar, porque é uma bela festa dos pescadores".

Mateus também é negro. Além de ser pedreiro, ofício que lhe garante o pão de cada dia, participa como ogã de um terreiro de umbanda em São Francisco do Conde. Sobre o Bembé do Mercado, comenta: "Isso aqui é bom porque esclarece mais as pessoas sobre a fé."



Mães e filhas-de-santo capricham na indumentária para agradecer aos orixás

Bamba da capoeira

Felipe Santiago, 76, é personagem à parte em Santo Amaro. Herdeiro da tradição de capoeira angolana, o famoso Mestre Felipe comemora 55 anos de ginga e continua uma referência para as novas gerações de capoeiristas. "O que tá à minha altura eu passo para eles", diz com humildade.

Era ferreiro. Hoje está aposentado e continua jogando capoeira para "matar a saudade". Em seu entendimento, "depois da libertação, o negro teve mais direitos, como aprender a ler e ter uma profissão".

Ele acha importante pre-



servar a tradição do Bembé do Mercado, e pondera que é uma temeridade não fazer a festa, uma afronta aos orixás. Nos dois anos em que não foi realizado o Bembé, ocorreram catástrofes. A primeira, na década de 50, foi uma explosão do mercado, matando mais de 100 pessoas.

Na outra tragédia, em 1989, uma enchente provocou estado de calamidade pública na cidade. "A gente da antiguidade (*sic*) acredita muito em superstição", explica Mestre Felipe, com voz baixa, em respeito ao imponderável.

Anote

■ Hoje a programação do Bembé do Mercado começa às 16 horas, com debate sobre Religiosidade, História e Resistência, no Teatro D. Canô. Às 19h30 tem apresentação de grupos folclóricos na Praça Manuel Querino onde, às 21 horas, 13 terreiros de candomblé começam a tocar.

■ Às 7h30 de domingo, os balaios com as oferendas dos devotos de Iemanjá são levados para ser entregues no mar do distrito de Itapema, a cerca de 30 minutos de Santo Amaro.

■ Três ônibus estão programados pela organização do evento para transportar o povo até o local. Para chegar a Santo Amaro, o melhor caminho é a BR-324. São 71 km de estrada, pouco mais de uma hora de viagem.